

O psicanalista, o capitalismo e a segregação na estrutura, na história e no ordenamento discursivo dos gozos

Raul Pacheco

Resumo

O objetivo do artigo é discutir as dimensões estrutural (trans-histórica) e discursiva (histórica) da segregação. Aborda-se o aspecto contraditório do discurso da ciência, que, sendo dessegregador, termina por promover uma extensão inédita da segregação. Aprofunda-se a discussão sobre a incompatibilidade ética do discurso do analista com a universalização do discurso da ciência, que, por outro lado, não pode ser política. Propõe-se que o aprofundamento das questões relacionadas com o assunto da segregação discursiva não pode ser feito sem se considerar criticamente o discurso capitalista. E analisa-se a nostalgia do pai-amo da ultradireita contemporânea, com seu clamor segregacionista, como uma articulação com o representante do S_1 do discurso capitalista, visando a salvar o neoliberalismo de sua crise intrínseca.

Palavras-chave:

Segregação; Psicanalista; Discurso; Capitalismo; Estrutura; História; Gozo.

The psychoanalyst, capitalism and segregation in the structure, history and jouissance discursive ordering

Abstract

The objective of the article is to discuss the structural (transhistorical) and discursive (historical) dimensions of segregation. The contradictory aspect of the discourse of science is addressed, which, while desegregator, ends up promoting an unprecedented extension of segregation. Discuss the ethical incompatibility between analyst discourse and the universalization of the science discourse, which, on the other hand, cannot be political. It is proposed that the discussion on discursive segregation cannot be carried out without criticizing the capitalist dis-

course. The nostalgia of the father-master of the contemporary ultra-right, with his segregationist cry, is analyzed as being an articulation with the representative of the S1 of the capitalist discourse, to save neoliberalism from its intrinsic crisis.

Keywords:

Segregation; Psychoanalyst; Discourse; Capitalism; Structure; History; Jouissance.

El psicoanalista, el capitalismo y la segregación en la estructura, historia y ordenamiento discursivo del goce

Resumen

El objetivo del artículo es discutir las dimensiones estructurales (transhistóricas) y discursivas (históricas) de la segregación. Se aborda el aspecto contradictorio del discurso de la ciencia que, si bien desgrega, termina promoviendo una extensión sin precedentes de la segregación. Se profundiza la discusión sobre la incompatibilidad ética del discurso del analista con la universalización del discurso de la ciencia, que, por otra parte, no puede ser política. Se propone que las cuestiones relativas al tema de la segregación discursiva no pueden hacerse sin considerar críticamente el discurso capitalista. Y la nostalgia del padre-amo de la ultraderecha contemporánea, con su grito segregacionista, se analiza como una articulación con el S1 representante del discurso capitalista, con el objetivo de salvar al neoliberalismo de su crisis intrínseca.

Palabras clave:

Segregación; Psicoanalista; Discurso; Capitalismo; Estructura; Historia; Goce.

Le psychanalyste, le capitalisme et la ségrégation dans la structure, l'histoire et l'ordonnement discursif de la jouissance

Résumé

L'objectif de l'article est de discuter des dimensions structurelles (transhistoriques) et discursives (historiques) de la ségrégation. L'aspect contradictoire du discours scientifique est abordé, qui, tout en déségréant, finit par favoriser une extension sans précédent de la ségrégation. La discussion s'approfondit sur l'incompatibilité éthique du discours de l'analyste avec l'universalisation du discours scientifique, qui, en revanche, ne peut être politique. Il est proposé qu'approfondir les questions liées au sujet de la ségrégation discursive ne peut se faire sans consi-

dérer de manière critique le discours capitaliste. Et la nostalgie du père-maître de l'ultra-droite contemporaine, avec son cri ségrégationniste, est analysée comme une articulation avec le représentant S1 du discours capitaliste, visant à sauver le néolibéralisme de sa crise intrinsèque.

Mots-clés :

Ségrégation ; Psychanalyste ; Discours ; Capitalisme ; Structure ; Histoire ; Jouissance.

O trans-histórico da estrutura e a diversidade histórica dos gozos

Lacan criou sua teoria dos discursos para falar das relações linguísticas como aparelho de gozo no laço social. E sua teoria mostra que há algo que é estrutural do falante, com o discurso do mestre correspondendo ao ordenamento de gozo do falante que entra na linguagem com um modo particular de lidar com a castração: o recalque e a separação do objeto *a*. “Por mais besta que seja esse discurso do inconsciente, ele corresponde a algo relativo à instituição do próprio discurso do mestre. É isso que se chama de inconsciente” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 85). O discurso do mestre forma a fraternidade dos falantes que se unem pelo Nome-do-Pai e que, a despeito de todos os equívocos, conflitos, discrepâncias e desarmonias, constroem uma realidade compartilhável no laço social.¹

É claro que a teoria dos discursos, ainda que formalizada principalmente para se considerar a práxis do psicanalista e seu discurso, oferece contribuições importantes também para se pensar os acontecimentos relacionados com o laço social e, conseqüentemente, com o que diz respeito à sociedade, à cultura e à história; ou seja, para se estabelecer diálogo com os pensadores da política e da sociedade. Freud estabeleceu esse diálogo em seus chamados “textos sociais”. E aqui eu pretendo me valer da teoria dos discursos para refletir sobre as dimensões histórica e estrutural da segregação.

Devemos ter em conta que tanto a fraternidade quanto a segregação estão no fundamento da civilização humana. Ambas se encontram na base estrutural do próprio laço social, como afirma Lacan no *Seminário 17*: “na sociedade, tudo o que existe se baseia na segregação, e a fraternidade em primeiro lugar” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 107).

Considere-se que, quando Lacan fala da segregação como origem da fraternidade, ele está oferecendo uma formalização estrutural para a mítica horda primeva

¹ As reflexões trazidas aqui têm como referência os sujeitos neuróticos: aqueles que têm um inconsciente recalado, que retorna no sintoma. Deixo para outra ocasião estender as reflexões sobre o tema de que me ocupo para aqueles que têm o “inconsciente a céu aberto” (psicóticos) e para aqueles cujo retorno da castração desmentida faz-se por meio do fetiche (perversos).

de Freud, com seu chefe poderoso de gozo ilimitado ($\exists x \overline{\phi x}$) e seus filhos que, por meio do parricídio e do banquete antropofágico, teriam estabelecido o laço entre os fraternos. Esse laço é a origem da lei, representada simbolicamente pelo totem (Nome-do-Pai), tendo como consequência a limitação do gozo dos que nele estão implicados ($\forall x \phi x$).

A questão do gozo na formação do laço social era uma dimensão considerada essencial já em Freud. Ao ressaltar a insuficiência de pensadores como Le Bon e McDougall sobre a psicologia das massas, Freud destacou a importância de se considerar, além dos processos de identificação, também a noção de libido para o entendimento do assunto. E a noção de libido inclui-se no aspecto econômico da metapsicologia freudiana, que Lacan abordou a partir da noção de gozo, no avanço de seu ensino.

A estrutura geral dos discursos refere-se ao aparelhamento de gozo e ao laço social de toda e qualquer comunidade de humanos falantes, não importa em que tempo histórico ou lugar geográfico: trata-se de uma estrutura trans-histórica. Ela envolve quatro lugares, quatro elementos da álgebra lacaniana que podem ocupar esses lugares (sempre considerando uma mesma sequência no sentido horário ou anti-horário²), mais o impossível e a impotência.

Porém, os quatro discursos (mais um), em suas particularidades representadas pela alocação específica dos diferentes elementos pelos lugares do matema, remetem a formas distintas de aparelhamento do gozo em épocas, sociedades e culturas diversas. Isso significa que a diversidade discursiva e os giros discursivos (no sentido horário ou anti-horário) remetem à dimensão histórica: como os gozos são ordenados em épocas e sociedades distintas.

Vê-se, portanto, que a teoria lacaniana dos discursos contempla as duas dimensões: a trans-histórica (estrutural) e a histórica (a da diversidade discursiva), ainda que não haja apenas um discurso ordenando cada sociedade. Mesmo que exista um discurso dominante em determinada época histórica ou sociedade, os demais discursos podem (e devem) também ser aí encontrados. Com a teoria dos discursos, a psicanálise oferece uma contribuição essencial para se pensar a segregação no âmbito social, tanto no que ela tem de inerente à própria estrutura do sujeito, ao seu gozo e à estrutura do laço social quanto no que se deriva da diversidade dos contextos históricos e sociais.

A segregação estrutural da linguagem e a dessegregação-segregação histórica do discurso capitalista

Com relação à fraternidade e à segregação estrutural de todo discurso, Bassols (2018) lembra que toda ordenação simbólica deixa necessariamente algo fora dela,

² Deve-se considerar uma exceção com relação a isso, no caso do discurso capitalista apresentado na *Conferência de Milão* (Lacan, 1972).

mesmo se o que ficou de fora depois vier a ser simbolizado interiormente como ausente. Esta é a segregação estrutural intrínseca à linguagem: uma operação simbólica que exclui algo em seu exterior e assim constitui um interior limitado. É esse o princípio freudiano da constituição do sujeito, por uma exclusão primordial: rechaço originário de um objeto e de um gozo. “Na falta dessa exclusão originária é o sujeito mesmo que será segregado como um objeto desse gozo, fenômeno que encontramos em certas psicoses” (Bassols, 2018, p. 4).

Porém, antes disso, nos anos 1967 a 1969, Lacan já tinha mostrado preocupação por uma prática de segregação histórica produzida pelo discurso da ciência, que, ele acreditava, iria “se tornar cada vez mais extensa” (Lacan, 1967b, p. 18), e que ele qualificava como:

O problema mais intenso de nossa época, na medida em que ela foi a primeira a sentir o novo questionamento de todas as estruturas sociais pelo progresso da ciência. (...) Até onde se estende o nosso universo, teremos que lidar, e sempre de maneira mais premente, com a segregação. (Lacan, [1967] 1968/2003, p. 360)

Essa preocupação é reiterada em 1970: “A recusa da segregação está, naturalmente, no princípio do campo de concentração” (Lacan, [1969] 1970/2003, p. 392). E vemos que Lacan aponta aqui algo que poderíamos qualificar como um aspecto contraditório do discurso universitário e da ciência. Por um lado, ele seria um discurso dessegregador:

O discurso da Universidade é de-segregador, ainda que ele veicule o discurso do mestre, já que não o transmite senão para liberá-lo de sua verdade. A Ciência parece garantir-lhe o sucesso desse projeto.³ (Lacan, 1970 citado por Bousseyroux, 2012, p. 111)

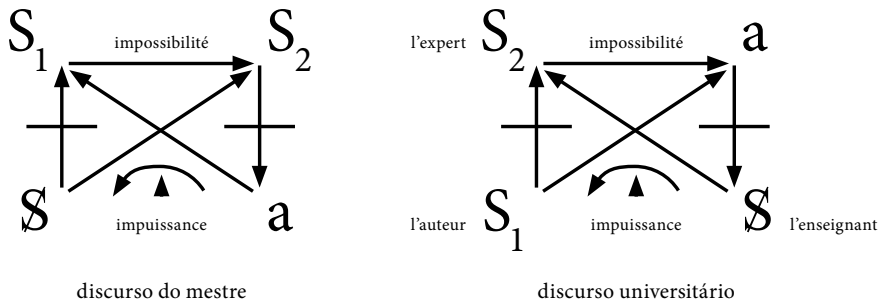
Por outro lado, na opinião de Lacan, ele seria um discurso que terminaria por promover uma extensão inédita da segregação, chegando, em última instância, ao campo de concentração. Como isso poderia ocorrer?

Sobre o efeito dessegregador do discurso universitário, Bousseyroux compara-o com o discurso do mestre. A verdade do discurso do mestre é que ele segrega o sujeito, na medida em que há uma barreira de gozo (impotência [*impuissance*]) separando o sujeito (alocado no lugar da verdade) do mais-de-gozar (alocado no lugar da produção), como se observa no matema desse discurso. Já o discurso universi-

3 Em relação a esse trecho, deu-se preferência à tradução oferecida na conferência de Bousseyroux, que pareceu melhor do que a da tradução brasileira dos *Outros escritos* (Lacan, 1970/2003, p. 392).

tário, com seu giro de um quarto de volta no sentido anti-horário, dessegrega o sujeito, produzindo-o como sujeito da universidade (alocado no lugar da produção).

Figura 1. Discurso do mestre e discurso universitário.



Fonte: Bousseyroux, 2012, pp. 104 e 108.

A tendência da psiquiatria iluminista de Pinel e Esquirol pode exemplificar paradigmaticamente o movimento dessegregacionista do discurso universitário e da ciência, em sua proposta de romper com o confinamento dos loucos:

Quarenta infelizes alienados que gemiam sob o peso dos ferros após uma sucessão mais ou menos longa de anos foram postos em liberdade, apesar de todos os temores manifestados pelo bureau central, e permitimos que eles caminhassem livremente pelos pátios, contendo apenas os movimentos de seus braços por camisas de força. (Pinel, 1809 citado por Postel & Quétel, 1994, p. 154)

Porém, em *Pequeno discurso aos psiquiatras*, Lacan (1967b) aponta também um efeito segregador concomitante a essa dessegregação, uma vez que, paralelamente a ela, criaram-se “outras barreiras, outras muralhas” (Lacan, 1967b, p. 16): a de se considerar os loucos mais como objetos de estudo do que como “pontos de interrogação” da relação do sujeito com o “objeto estrangeiro parasitário, que é a voz, essencialmente” (Lacan, 1967b, p. 16). Como diz Askofaré (2009, p. 350), a segregação, aqui, refere-se à posição do psiquiatra e ao “lugar privilegiado de exercício de seu poder e de sua autoridade”.

A ampliação da segregação pela universalização da ciência: contingente ou inevitável?

Vamos aprofundar essa reflexão lacaniana sobre a transformação do sujeito em objeto de estudo pelo discurso da ciência. Já no século XVII, a ciência moderna nas-

cente rompeu as amarras com a intuição, dando origem a um puro sujeito da ciência: “Não digo que Freud introduz o sujeito no mundo (...) pois é Descartes quem o faz” (Lacan, 1964/1988, p. 47); “a ciência moderna só começa depois que Descartes deu seu passo inaugural” (Lacan, 1964/1988, p. 49). Esse sujeito puro da ciência não existe em lugar algum, senão como sujeito do saber científico. É um sujeito do qual é velada a parte “que se expressa na estrutura da fantasia, isto é, que comporta uma outra metade do sujeito e sua relação com o objeto *a*” (Lacan, 1967b, p. 17). A sociedade construída a partir do desenvolvimento da ciência moderna, impulsionada e dando impulso ao capitalismo, fundou-se sobre o surgimento desse novo sujeito. E foi a expansão e a hegemonia desse sujeito puro da ciência que produziram profundos remanejamentos das hierarquias sociais.

A Revolução Francesa, de 1789, é o paradigma desse novo sujeito surgido com Descartes e com a ciência moderna, no século XVII, mas que tem no Iluminismo do século XVIII sua expressão mais exuberante. E é aí que podemos ver um aspecto que é paradoxal, ainda que não necessariamente contraditório do discurso da ciência. De um lado, ele é segregador porque é fundador de uma nova sociedade (uma nova “fraternidade”), que pretende o estabelecimento de um novo laço social. Lembremos que “fraternidade” corresponde a um dos três significantes que constituem o lema revolucionário: “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”.

De outro lado, é um discurso dessegregador, ao visar à universalidade de um sujeito igual a todos os demais, como se evoca no art. 1º da “Declaração dos direitos do homem e do cidadão de 1789”: “Os homens nascem e são livres e iguais em direitos” (citado por Lima, 2022, p. 7).

Sabemos que esse aspecto paradoxal revolucionário, que inicialmente buscou conciliar fraternidade (segregadora) e igualdade (dessegregadora), terminou por deteriorar-se irreversivelmente ao longo dos acontecimentos históricos da Revolução. Os ventos revolucionários, que tiveram sua origem intelectual no Iluminismo (na filosofia, na ciência e na política), migraram para longe, tanto da razão iluminista quanto dos interesses do povo e da igualdade universalizante no laço social. Primeiro, o poder jacobino foi esmagado e substituído pela dominância burguesa dos girondinos. A seguir, o golpe de Estado de Napoleão Bonaparte e seu império forte e expansionista, que sucedeu o período revolucionário, não dirigiu o Estado na direção dos interesses populares, e, sim, dos da burguesia. É o que Marx (1852/2011) chamou “tragédia” em *O 18 brumário de Luís Bonaparte*.

E a repetição do golpe militar sobre a república francesa por seu sobrinho Luís Bonaparte (Napoleão III), em 2 de dezembro de 1851, foi a “pá de cal” no universalismo igualitário: na dessegregação. Marx chamou a repetição do golpe de “farsa”:

Hegel comenta que todos os grandes fatos e todos os grandes personagens da história mundial são encenados, por assim dizer, duas vezes. Ele

se esqueceu de acrescentar: a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa. (Marx, 1852/2011, p. 25)

Será apenas uma contingência histórica, isso que ocorreu na Revolução Francesa? Ou haverá, como quer Lacan, algo intrínseco que faça com que a universalização produzida pelo discurso universitário na política e na ciência termine sempre por conduzir a retrocessos, segregação ou a algo ainda pior? Será que o paradoxo segregador-dessegregador do discurso da ciência transforma-se inevitavelmente em contradição, que conduz sempre à segregação mais radical de um conservadorismo reacionário? A barbárie de um capitalismo de inspiração reacionária, cuja expansão segregacionista tem o campo de concentração como ponto de mira, estará sempre como ameaça no horizonte da sociedade impulsionada pela ciência?

O psicanalista e a dessegregação do discurso universitário: uma objeção ética

O alerta de Lacan é preocupante: o preço a pagar pela universalização do sujeito seria o campo de concentração, de que os nazistas teriam sido precursores. Tendo, “logo em seguida, um pouco mais ao leste, imitadores, em matéria de concentrar pessoas” (Lacan, 1967b, p. 18).

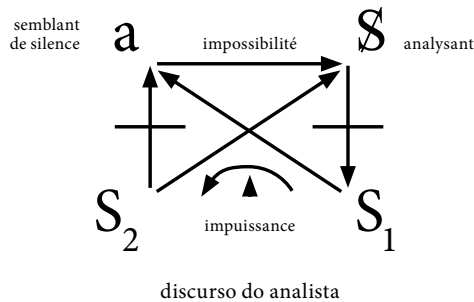
Em 1969, Lacan contrastou a dominação da ordem de gozo do discurso universitário na União Soviética com a de determinados contextos da sociedade norte-americana. Teria havido na União Soviética uma “antipatia pelo discurso sectário, o qual, inversamente, floresceu nos EUA, por ser fundante ali” (Lacan, [1969] 1970/2003, p. 392). Bousseyroux (2012) propõe que, nesse último caso, Lacan estaria se referindo ao segregacionismo dos defensores da escravidão, nos conflitos entre Estados escravagistas e abolicionistas, que deu origem à Guerra da Secessão. Esse segregacionismo prosseguiu mesmo após o acréscimo da Décima Terceira Emenda à Constituição dos Estados Unidos (emenda que aboliu a escravidão após a derrota dos confederados). E isso porque Códigos Pretos e “leis Jim Crow” foram aprovados após isso (entre 1877 e 1964) em estados do sul, restringindo o poder eleitoral e impondo a segregação dos pretos em escolas, meios de transporte e lugares públicos. Tudo sob o eufemismo cínico da doutrina “*Separate but equal*” (“Separados, mas iguais”) (National Geographic Society, 2023).

No mesmo texto em que fala dessa “antipatia” do discurso universitário na URSS pelo discurso do mestre sectário norte-americano, Lacan ([1969] 1970/2003, p. 391) fala da “antipatia pelo discurso universitário” do psicanalista. E aqui nos encontramos, nós, psicanalistas, diante de uma dificuldade que nos convoca à reflexão. A antipatia dos analistas pelo discurso universitário não pode ser da mesma ordem da antipatia que o discurso do mestre sectário tem pela universalização da igualdade, porque senão nos veríamos alinhados às práticas de segregação,

marginalização, exclusão, sejam elas fundadas em racismo, xenofobia, religião, homofobia ou sexismo. Como escapar dessa armadilha?

Uma saída relevante pode ser buscada na afirmação de Bousseyroux (2012, p. 111) de que “há segregação e segregação”: algo que lembra o adágio popular “uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa”. Bousseyroux (2012, pp. 111-112) distingue antipatia política ou institucional de antipatia ética, assinalando que a antipatia ética do psicanalista pela dessegregação pode ser evidenciada no tema do discurso do analista pela alocação do saber (S_2) no lugar da verdade, uma vez que a barreira de gozo (impotência) separa o saber do significante mestre (S_1), que está alocado no lugar da produção. Adiciona-se a isso o fato de o saber do inconsciente real, como saber real, ser segregador, já que separado do sujeito.

Figura 2. Discurso do analista.



Fonte: Bousseyroux, 2012, p. 107.

Acredito que a objeção da psicanálise e do psicanalista à dessegregação e universalização (a favor da segregação) deve ser entendida como pertencendo ao âmbito da ética, e não da (prática) política e social. O próprio Lacan nos permite sustentar essa opinião, quando, por exemplo, nós o vemos criticar a psiquiatria por resvalar para uma prática segregacionista: “a própria psiquiatria faz as vezes de segregação social” (Lacan, [1969] 1970/2003, p. 391). Daí que seus pacientes fiquem “recalcados no gueto que outrora se chamava, não sem justiça: asilar” (Lacan, [1969] 1970/2003, p. 391). O comentário de Prates Pacheco (2012, p. 23) é pertinente, quando propõe que “a resposta do psicanalista, portanto, não está nem do lado da segregação nem do lado da concentração, na medida em que faz valer um discurso que sustenta a singularidade e a diferença absoluta”.

A questão é conceitualmente complexa e merece aprofundamento rigoroso, porque, embora não se alinhando a racismos, sexismos, xenofobias e práticas segregacionistas, é da psicanálise (de Lacan) que vem um alerta em relação a uma perturbadora ampliação do segregacionismo como efeito paradoxal do universalismo produzido

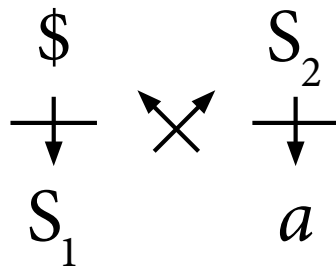
pelo discurso da ciência — e que pode levar ao campo de concentração. Acredito que estamos todos alarmados com o ressurgimento da ultradireita e dos fascismos pelo mundo, assim como dos fundamentalismos sectários religiosos radicais, que consideram todos os externos à seita como inimigos a combater ou a exterminar.

Um elemento fundamental para esclarecer a segregação: o discurso capitalista

Tenho a convicção de que não se pode esclarecer completamente o assunto se não se considerar o discurso cujo matema foi apresentado por Lacan (1972) na *Conferência de Milão: o discurso capitalista*. Embora no *Seminário 17* Lacan (1969-1970/1992) tenha falado do discurso universitário como sendo o discurso capitalista, o matema que ele apresentou em 1972 mostra diferenças importantes em relação ao do discurso universitário. Discuti detalhadamente essas diferenças em “Compra um Mercedes Benz prá mim?” (Pacheco Filho, 2015). Elas são essenciais para esclarecer a questão da segregação.

Figura 3. Discurso do capitalista.

Discours du Capitaliste



Fonte: Lacan, 1972, p. 5.

Não acho que o movimento expansionista em direção à segregação, produzido pela ciência, possa ser pensado como desvinculado da dimensão discursiva e também econômica do capitalismo. A começar pela concentração de renda, que lhe é inerente, e pela segregação e discriminação, que incidem sobre as populações economicamente mais pobres. Essa desigualdade e concentração estão em crescimento: como exemplo, temos o que acontece na maior economia do planeta, os Estados Unidos, onde “a concentração de renda na primeira década do século XXI voltou a atingir — e até mesmo exceder — o nível recorde visto nos anos de 1910-1920” (Piketty, 2014, p. 22). O Relatório de Desigualdade Global de 2018 mostra que a parcela da renda apropriada pelos 10% mais ricos da população nos Estados

Unidos e Canadá pulou de 34%, em 1980, para 42,8%, em 2001, e para 47%, em 2016. No Brasil, a situação é pior, com 55% da renda apropriados pelos 10% mais ricos da população em 2016 (Oliveira, 2021, p. 443).

O vaticínio de Lacan em 1967 mostrou-se correto: “Nosso futuro de mercados comuns encontrará seu equilíbrio numa ampliação cada vez mais dura dos processos de segregação” (Lacan, 1967a/2003, p. 263). E note-se a dimensão da sociedade que ele aponta: “nosso futuro de *mercados*”. Em *Pequeno discurso aos psiquiatras*, ele previu as transformações da ciência dominando cada vez mais nosso cotidiano, com a incidência de objetos *a* por toda parte, isolados, sozinhos e sempre prontos a nos capturar: “não faço aqui alusão a nada mais que à existência do que se chama *mass-media*, ou seja, esses olhares errantes e essas vozes brincalhonas pelos quais vocês estão bem naturalmente a estar cada vez mais rodeados” (Lacan, 1967b, pp. 17-18). Seria em razão dessa estrutura profunda implicada pelo sujeito puro da ciência, cuja universalização o levou à submissão à ciência e à proliferação dos objetos *a* por toda parte, que os progressos da civilização universal trariam essa extensão progressiva das práticas de segregação. Nossa pulsão é capturada pelos objetos-mercadorias produzidos com a tecnologia fornecida pela ciência.

O foco da crítica de Lacan ao discurso universitário pode ser observado na censura que ele faz à reforma universitária promovida na França em 1968, que criou as “unidades de valor” para os estudantes e transformou o saber em uma mercadoria: “a ‘unidade de valor’ promovida a medida de retribuições diplomantes confessa, na forma de um lapso enorme, o que fixamos da redução do saber a serviço do mercado” (Lacan, [1969] 2006 citado por Bousseyroux, 2012, pp. 109-110).

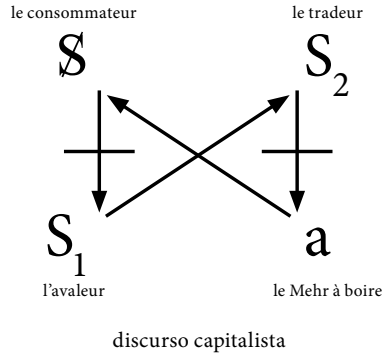
Aliás, anteriormente a isso, falando sobre “O lugar da psicanálise na medicina”, ele abordara o problema das exigências de produtividade advindas da saúde tornada objeto de uma organização. E questionara: “o que o médico poderá opor aos imperativos que fariam dele empregado desta empresa universal da produtividade?” (Lacan, 1966/2021, p. 7).

Benslama (2016) assinala como o capitalismo enfraqueceu a exclusão do gozo implicada pelo discurso do mestre, incitando ao consumo de mercadorias articuladas ao mais-de-gozar (veja-se a conexão entre o objeto *a* e o sujeito (\$) no matema do discurso capitalista). Daí sua tese de que a busca individualista de dinheiro e mercadorias em um mercado aberto à competição de todos não evitaria a destruição do outro, sendo responsável por “uma guerra que já não tem como referente um grande Outro, como os da religião ou da nação”⁴ (Benslama, 2016, p. 17). Embora concordando com seu assinalamento, eu comento, adiante, minha discordância dessa última tese.

4 “une guerre qui n’a plus comme référent un grand Autre, tels ceux de la religion ou de la nation”

Bousseyroux (2012, p. 105) completa com seus personagens o matema do discurso capitalista:

Figura 4. Discurso capitalista.



Fonte: Bousseyroux, 2012, p. 105.

Como não existe conexão entre o semblante (consumidor [*le consommateur*]) e o outro (o saber do operador do mercado financeiro, que trabalha pela cifração do gozo [*le tradeur*]), eliminou-se a seta que unia seus lugares. No lugar da verdade está o dinheiro: o “engolidor” (*l'avaleur*) de todos os valores. E no lugar da produção aí está *la Mehr à boire*, que aproveita a equivocação homofônica entre *Mehrwert* (mais-valia) de Marx e *la mer* (o mar) para fazer alusão a uma sede insaciável de um impossível de beber: a falta-a-gozar do sujeito consumidor. “Este sim, corrige-se Lacan, é o laço social dominante em nossa sociedade — e não o discurso da universidade (...), como afirmara no seminário *O avesso da psicanálise*” (Quinet, 2009, p. 38). O que temos na sociedade científica capitalista “é a segregação determinada pelo mercado” (Quinet, 2009, p. 41).

Retorno ao passado do pai-amo segregador do discurso do mestre antigo?

No texto mencionado anteriormente, que publiquei em 2015 (Pacheco Filho, 2015), defendi uma tese diferente da apresentada por Benslama: ele propôs que a busca individualista de dinheiro e mercadorias, ordenada pelo discurso capitalista, não teria como referente o grande Outro. Já eu assinali como, no capitalismo, a insatisfação estruturalmente constitutiva do sujeito humano é colocada a serviço do consumo de mercadorias, para manter em funcionamento o sistema econômico, político e social. E concordei com a afirmação de Soler (2011, p. 58) de que, “quando a mais-valia é a causa de desejo de toda uma economia, isso engendra

o que ele [Lacan] chama ‘a produção extensiva, logo insaciável, da falta a gozar’⁵. Porém (e aqui está a diferença em relação a Benslama), propus que, se o sujeito imerso no discurso capitalista permanece cativo dos objetos-mercadorias, isso não se deve à independência e à autonomia em relação ao Outro. Esse sujeito está preso na “jaula de ferro”⁵ de uma fantasmagoria coletiva alimentada pela cultura da sociedade capitalista: a de que o consumo de mercadorias é o único horizonte possível de existência; e de que ele pode dar conta absoluta (sem deixar falta) do desejo. É pela articulação das fantasias singulares a essa fantasmagoria coletiva que os sujeitos são capturados em seus ideais, demandas e gozo.

Trata-se de um sujeito mergulhado na “paixão da ignorância” e que nunca se interroga sobre a “origem da ‘programação social’ que articula as mercadorias ao objeto mais-de-gozar, ‘domesticando’ sua pulsão nos limites da circunvolução incessante e interminável em torno dessas mercadorias” (Pacheco Filho, 2015, p. 37). O discurso capitalista acelera a alienação do sujeito ao Outro, ao modificar a barreira do gozo e eliminar sua impotência. Estando o sujeito aí encerrado, sempre que uma inquietação relativa à sua fantasia trouxer angústia, “será na oferta dos objetos-mercadorias (nas latusas) que esse habitante da aletosfera buscará uma forma de tratar seu mal-estar de existir” (Pacheco Filho, 2015, p. 38).

O discurso universitário e o discurso capitalista, que é seu sucedâneo, provocaram a queda da figura imaginária do mestre-pai (da imago do pai), que nada tem a ver com a afirmação equivocada de um “declínio da função paterna”, como argumentei em “A praga do capitalismo e a peste da psicanálise” (Pacheco Filho, 2009). Como consequência disso, irrompeu na cena histórica ocidental recente uma nostalgia pelo pai-amo do discurso do mestre antigo, junto com um clamor pela segregação racial, sexual, religiosa, xenofóbica e política, por parte de movimentações de direita e ultradireita radicais, como o trumpismo, o bolsonarismo e diversos movimentos fascistas pelo mundo. Porém, quero chamar a atenção para o fato de que esse movimento político à direita, ainda que muito preocupante, não deve ser entendido como inexorável e isento de contradições: nem tampouco como um movimento reacionário unilateralmente voltado ao passado, sem ambiguidades e isento de articulações com o neoliberalismo contemporâneo, como argumento adiante. E observe-se, além disso, que ele veio acompanhado por uma intensa movimentação política também no espectro político da esquerda, com ganhos políticos constatáveis. A história não é linear: caminha com avanços e recuos, em uma interação complexa.

5 Weber (1920/2004, p. 165): “Na opinião de Baxter, o cuidado com os bens exteriores devia pesar sobre os ombros de seu santo apenas ‘qual leve manto de que se pudesse despir a qualquer momento’. Quis o destino, porém, que o manto virasse uma rija crosta de aço [na célebre tradução de Parsons: *iron cage* = jaula de ferro]. (...) os bens exteriores deste mundo ganharam poder crescente e por fim irresistível sobre os seres humanos como nunca antes na história.”

Tomando a América Latina como exemplo, vimos o surgimento de diversos governos de esquerda, após décadas de ditaduras militares e regimes totalitários. No caso do Brasil, após a ditadura militar de 1964 a 1985, tivemos a retomada das instituições republicanas, com a promulgação da Constituição de 1988 e, inclusive, a eleição de governos de esquerda em 2002, 2006, 2010 e 2014. Por outro lado, em 2016 houve o golpe parlamentar que depôs a presidenta Dilma Rousseff e, em 2018, a prisão do ex-presidente Lula pela Operação Lava Jato, coordenada tendenciosamente por promotores e juízes comprometidos com a direita (o juiz Sergio Moro foi posteriormente nomeado ministro da Justiça no governo Bolsonaro). A prisão de Lula foi fundamental para viabilizar a orquestração dos movimentos de direita que conseguiram eleger o ultradireitista Jair Bolsonaro em 2018. Porém, evidenciando que a história não caminha invariavelmente para a direita, a movimentação popular, a mobilização dos partidos, da imprensa independente, de associações de esquerda e até mesmo do Comitê de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU) conseguiram que o Supremo Tribunal Federal (STF) se pronunciasse sobre a suspeição de Sergio Moro na condução da Lava Jato e anulasse a condenação de Lula. Liberto, Lula foi eleito para um terceiro mandato na Presidência do Brasil, em 2022.

Abriram a caixa de Pandora da segregação radical, do autoritarismo e da violência

Marx propôs que o capitalismo (e aqui eu incluo o discurso capitalista) não trouxe para a cena histórica apenas consequências nocivas do ponto de vista subjetivo e social. Ele ofereceu também a oportunidade histórica de avançar para um “mais-além” do capitalismo, como visada que pode e deve orientar o que é da ordem da política, da estratégia e da tática. O movimento do capitalismo e de seu discurso é contraditório. No sentido progressista, ele possibilitou que o feudalismo, as monarquias absolutistas e o escravagismo declinassem na história, viabilizando expansão de fronteiras e intercâmbio entre lugares, povos e nações que não existia anteriormente. E amplificou extraordinariamente a capacidade humana de transformação científica e tecnológica do mundo (o que, obviamente, pode ser direcionado em benefício da civilização ou de sua destruição). Já no sentido reacionário e conservador nocivo, ele segrega e até mesmo provoca o desaparecimento de culturas, línguas, valores, costumes e até mesmo povos. Isso é feito por meio de violência simbólica ou *stricto sensu*, como é o caso, por exemplo, das guerras e dominações coloniais. O movimento capitalista mostra-se pendular, com avanços e retrocessos. Caminhar para adiante depende, é claro, da participação e dos atos dos sujeitos históricos.

Atualmente, a política está extensivamente presente na vida da população do Brasil e do mundo. Encontramo-nos em frenética atividade linguageira, à direita e à esquerda: nas mobilizações populares presenciais, nos grupos do WhatsApp,

Instagram e Facebook, na grande mídia reacionária cooptada pela classe econômica abastada, na mídia independente alinhada ao progresso histórico, nas conversas privadas entre as pessoas etc. E isso ilustra o que Freud (1920/1980) analisou em “Além do princípio de prazer”, que ocorre nas situações traumáticas: a compulsão à repetição buscando meios para fazer a “ligação” (*Bindung*) do que não está “ligado” ao “princípio de prazer”. Já Lacan, eu acredito que preferiria falar da atividade simbólica buscando costurar o rasgo pelo qual o real e o gozo não domados pelo discurso ameaçam invadir. É verdade que há um traumatismo que é estrutural e trans-histórico, provocado pela linguagem (“*troumatismo*” [*troumatisme*]). Mas há também os traumatismos decorrentes de circunstâncias históricas sociais e pessoais.

E o que invadiu a vida social do sujeito capitalista, sem a devida “ligação” e anteparo simbólico? O que reabriu a caixa de Pandora? A resposta mais óbvia e imediata apontaria na direção de arbítrio, autoritarismo, violência e ódio da extrema direita. Isso não é falso, mas ficaremos com apenas parte da resposta, se entendermos que se trata apenas de uma nostalgia da figura do mestre-amo, que decaiu deixando o sujeito do capitalismo sem proteção contra o real da inexistência do Grande Outro. Há mais do que isso.

Temos que lembrar que já há muito tempo (séculos) não é mais o pai do discurso do mestre antigo que nos protege do real:

Alguma coisa mudou no discurso do mestre a partir de certo momento da história. Não vamos esquentar a cabeça para saber se foi por causa de Lutero, ou de Calvino, ou de não sei que tráfico de navios em torno de Gênova, ou no mar mediterrâneo, ou alhures, pois o importante é que, a partir de certo dia, o mais-de-gozar se conta, se contabiliza, se totaliza. Aí começa o que se chama de acumulação de capital. (Lacan, 1969-1970/1992, p. 169)

Será bom, será ruim esse discurso? Eu o etiqueto intencionalmente de universitário (...) é o que mostra onde o discurso da ciência se alicerça. (Lacan, 1969-1970/1992, p. 97)

Lacan propôs que o entendimento da questão agora implica focalizar o que acontece com os que “substituem o antigo escravo, isto é, pelos que são eles próprios produtos, como se diz, consumíveis tanto quanto os outros” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 30). Não consigo ler essas afirmações sem lembrar Marx nos *Manuscritos econômico-filosóficos*:

O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias cria. Com a *valorização* do mundo das coisas (*Sachenwelt*),

umenta em proporção direta a *desvalorização* do mundo dos homens (*Menschenwelt*). O trabalho [no capitalismo] não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma *mercadoria*. (Marx, [1844] 1932/2004, p. 80)

O pai-amor antigo e o S₁ do discurso capitalista: acordo na crise

O crescimento da ultradireita é impactante e preocupante. Mas será mesmo algo que poderíamos qualificar como um simples retorno ao passado? Ao menos no caso do Brasil, eu discordo dessa proposição. Parece-me, antes, uma tentativa de salvar do caos o neoliberalismo. O apoio a Bolsonaro pelos ricos empresários e pela grande mídia alinhada e controlada por eles alçou-o ao poder como modo de impor a economia neoliberal de Paulo Guedes. Foi uma tentativa de conter, no Brasil, a fissura do dique da economia do capitalismo mundial, colocando um dedo no furo pelo qual a água está vazando. Algo semelhante à ação do menino herói holandês de Haarlem, do conto infantil de Mary Mapes Dodge (1865), que impede a destruição da cidade colocando um dedo no furo do dique por onde a água está vazando, evitando, assim, que a água o aumentasse e terminasse por destruir toda a barragem. Trata-se da continuidade das operações emergenciais de salvamento da economia capitalista, decorrentes de suas sucessivas e inexoráveis crises: o “*New Deal*” (Novo Acordo) de Franklin Roosevelt, após a “Grande Depressão” da crise financeira de 1929; o *Welfare State*, após a Segunda Guerra Mundial; o neoliberalismo, comandado por Margaret Thatcher nos anos 1970; a crise financeira mundial de 2008; e assim por diante.

E o entendimento disso requer pensar não somente os âmbitos discursivo e econômico, mas também o político. Fraser (2015/2018) analisa a tese de que a instabilidade do processo de acumulação capitalista é intrínseca, e não contingencial, ao se institucionalizar por meio de imperativos econômicos que se contradizem entre si e que levam a crises periódicas recorrentes. Em sua opinião, ainda que correta, essa tese precisa ser complementada, pois, “adotando uma perspectiva economicista, compreende o capitalismo de maneira demasiado restrita, como um sistema econômico *simpliciter*” (Fraser, 2015/2018, p. 156). É imprescindível considerar também a dimensão política constitutiva da ordem social capitalista (o poder público e os arranjos políticos), da qual dependem essencialmente a exploração do trabalho, a produção e a troca de mercadorias, e a acumulação de mais-valia. Somente assim é possível “clarificar toda a variedade das contradições e tendências de crise do capitalismo, incluindo aquelas expressas nos atuais processos de desdemocratização” (Fraser, 2015/2018, p. 158).

A ultradireita brasileira atual (e eu acho que uma análise semelhante poderia ser feita para outras ultradireitas no resto do mundo) foi uma tentativa de salvar o

capitalismo em crise por um acordo entre o pai-amo do discurso do mestre antigo (Bolsonaro) e o representante neoliberal do S_1 do discurso capitalista (Paulo Guedes). Como vimos anteriormente, o S_1 alocado no lugar da verdade do discurso capitalista é o capital: o dinheiro, o “engolidor” (*l'avaleur*) de todos os valores, no dizer de Bousseyroux (2012). Esse pacto não é um retorno ao passado, e, sim, a tentativa de preservar o capitalismo e impedir o advento de algo realmente novo. E, ainda que a ultradireita esteja temporariamente fragilizada com a queda de Bolsonaro, de modo algum ela pode ser considerada inteiramente neutralizada no aspecto político.

A crítica generalizada à ciência *versus* mirar no alvo exato

Antes de concluir, quero ainda abordar uma questão que me parece importante, sobretudo para nós, psicanalistas lacanianos. A crítica à ciência, sobretudo no que se refere ao discurso universitário, é importante. Mas será que não devemos problematizar de modo mais profundo e rigoroso nosso julgamento, para além de uma crítica genérica e generalizada à ciência, tomada no singular como um campo único e unívoco? Cabe falarmos em ciência no singular, ou os diferentes campos científicos são distintos em seus princípios epistemológicos, seus métodos, modos de formalização teóricos e éticas subjacentes ao campo? Além disso, será que somos mesmo opositores radicais de tudo o que integra os campos científicos? Apenas para lembrar alguns poucos exemplos: não saímos em defesa das vacinas e do isolacionismo social, quando surgiu a pandemia de covid-19? Não estamos interessados em que a medicina empregue instrumentos e medicamentos corretos e testados cientificamente? Não defendemos as evidências científicas que mostram o aquecimento global contra o negacionismo da direita neoliberal?

Eu entendo que é importante (imprescindível mesmo) fazermos a difícil e complexa discussão sobre as diferenças entre o que é legítima ciência e o que é pseudo-ciência. E também diferenciarmos ciência legítima de uma versão positivista falsa de ciência, como a versão radicalmente organicista da psiquiatria, que entende os transtornos do DSM-V como distúrbios exclusivamente neuroquímicos; e que rejeita a participação do que é da ordem do sujeito e do gozo. Junto a isso, também se requer a distinção entre uma ciência exclusivamente a serviço do mercado capitalista (por exemplo, a da produção de armas de guerra) e uma ciência que beneficie a civilização (por exemplo, a da produção de vacinas, no caso da medicina e da biologia, a psicanálise, no caso das ciências do sujeito, e o marxismo, no caso das ciências históricas, políticas e econômicas).

A relação da psicanálise com os campos científicos não é de oposição simples: é de *exclusão interna*. Não podemos nos situar ao lado da ultradireita, dos fundamentalismos religiosos e dos nostálgicos do pai-amo, no que se refere às críti-

cas genéricas e generalizantes ao que é científico. Ao que eu saiba, Lacan nunca afirmou que a psicanálise seria uma anticiência, como o fez em relação à filosofia (“antifilosofia”). O que ele colocou como pergunta relevante foi: “o que é uma ciência que inclui a psicanálise?” (Lacan, 1965/2003, p. 195). Ressalte-se, além disso, que Lacan não articulou a ciência apenas ao discurso universitário, mas também ao discurso histórico: “A histeria como produção de saber provocado pelo sujeito é o que fez Lacan encontrar a afinidade da ciência com o discurso da histórica — que é o melhor que se pode esperar da ciência” (Quinet, 2009, p. 37).

Minha opinião é a de que devemos dirigir a pontaria de nossas críticas ao genuíno responsável histórico pelas adversidades maiores com que o mundo de hoje se confronta: o conservadorismo reacionário em favor do capitalismo, que tenta impedir a busca de avanços históricos e civilizatórios (discursivos, sociais, econômicos, ideológicos e políticos), na procura de soluções. Lacan trouxe uma contribuição importante para pensarmos sobre isso, na conferência que ministrou na Universidade de Milão, em 1972. Eu termino citando suas palavras:

A crise não do discurso do mestre, mas do discurso capitalista, que é o substituto dele, está aberta. De jeito nenhum lhes digo que o discurso capitalista seja medíocre; é, pelo contrário, algo loucamente astucioso. Loucamente astucioso, mas destinado a explodir. (...) É porque é insustentável. (...) anda rápido demais, se consome [*consomme*], se consome tão bem que se consuma [*consume*].⁶ (Lacan, 1972, pp. 10-11)

Referências bibliográficas

- Askofaré, S. (2009, julho/dezembro). Aspectos da segregação. *A Peste: Revista de Psicanálise e Sociedade e Filosofia*, São Paulo, 1(2), 345-354.
- Bassols, M. (2018, março/julho). O bárbaro: transtornos de linguagem e segregação. *Opção Lacaniana (online nova série)*, 9(25-26), 1-8.
- Benslama, F. (2016). L’avenir de la ségrégation. *Cliniques Méditerranéennes*, (94), 9-20.
- Bousseyroux, M. (2012, janeiro/junho). Práticas do impossível e teoria dos discursos. *A Peste: Revista de Psicanálise e Sociedade e Filosofia*, São Paulo, 4(1), 101-112.
- Dodge, M. M. (1865). *Hans Brinker; or, the Silver Skates: a story of life in Holland*. New York: James O’Kane.

⁶ “La crise, non pas du discours du maître, mais du discours capitaliste, qui en est le substitut, est ouverte. C’est pas du tout que je vous dise que le discours capitaliste, ce soit moche, c’est au contraire quelque chose de follement astucieux, hein? De follement astucieux, mais voué à la crevaision. (...) C’est que c’est intenable. (...) ça marche trop vite, ça se consomme, ça se consomme si bien que ça se consume” (Tradução de Sandra Regina Felgueiras).

- Fraser, N. (2018). *Crise de legitimação? Sobre as contradições políticas do capitalismo financeirizado* (J. I. R. de Sousa Filho, Trad.). *Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade*, 23(2), 153-188. (Trabalho original publicado em 2015)
- Freud, S. (1980). Além do princípio de prazer. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920)
- Lacan, J. (1967b). *Pequeno discurso aos psiquiatras. Hospital de Sainte-Anne, 10-11-1967* (C. M. de Simões, Trad.). Recuperado de www.ecole-lacanienne.net/pastoutlacan.php. (Mimeo)
- Lacan, J. (1972). *Conférence à l'université de Milan, le 12 mai 1972*. Recuperado em 30 de abril, 2023, de <http://espace.freud.pagesperso-orange.fr/topos/psych/psysem/italie.htm>
- Lacan, J. (1988). *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. O seminário: livro 11* (3a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-1970)
- Lacan, J. (2003). Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 195-198). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1965)
- Lacan, J. (2003). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 389-399). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1967a)
- Lacan, J. (2003). Alocução sobre as psicoses da criança. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 359-368). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em [1967] 1968)
- Lacan, J. (2006, abril). D'une réforme dans son trou. *Journal Français de Psychiatrie*, (27), 3-5. Recuperado em 27 de agosto, 2013, de www.cairn.info/revue-journal-francais-de-psychiatrie-2006-4-page-3.htm. (Trabalho original publicado em 1969)
- Lacan, J. (2003). Prefácio a uma tese. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 389-399). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em [1969] 1970)
- Lacan, J. (2021, dezembro). O lugar da psicanálise na medicina. *Opção Lacaniana*, (32). (Trabalho original publicado em 1966)
- Lima, C. A. de S. (2022, março). Declarações históricas de direitos humanos: direitos humanos. In *Enciclopédia jurídica da PUCSP*. Ed. 1. Recuperado em 31 de outubro, 2023, de <https://education.nationalgeographic.org/resource/black-codes-and-jim-crow-laws/>
- Marx, K. (2004). *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo. (Trabalho original publicado em [1844] 1932)

- Marx, K. (2011). *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo. (Trabalho original publicado em 1852)
- National Geographic Society (2023). *The black codes and Jim Crow Laws*. Recuperado em 27 de outubro, 2023, de <https://education.nationalgeographic.org/resource/black-codes-and-jim-crow-laws/>
- Oliveira, F. A. de (2021, maio/julho). Piketty e as desigualdades no capitalismo: colocando alguns pingos nos is na análise de “O capital no século XXI”. *Economia e Sociedade*, Campinas, 30(2 [72]), 415-445.
- Pacheco Filho, R. A. (2009, janeiro/junho). A praga do capitalismo e a peste da psicanálise. *A Peste: Revista de Psicanálise, Sociedade e Filosofia*, 1(1), 143-163.
- Pacheco Filho, R. A. (2015). Compra um Mercedes Benz prá mim? *Psicologia Revista*, São Paulo, 24(1), 15-44.
- Piketty, T. (2014). *O capital no século XXI*. Rio de Janeiro: Intrínseca.
- Postel, J., & Quétel, C. (1994). *Nouvelle histoire de la psychiatrie*. Paris: Dunod.
- Prates Pacheco, A. L. (2012, janeiro/junho, julho/dezembro). Infância e autismo: entre a segregação e a concentração. *A Peste: Revista de Psicanálise, Sociedade e Filosofia*, 4(1/2), 23-32.
- Quinet, A. (2009). *Psicose e laço social: esquizofrenia, paranoia e melancolia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Soler, C. (2011). O discurso capitalista. *Stylus: Revista de Psicanálise*, (22), 55-67.
- Weber, M. (2004). *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920)

Recebido: 01/06/2023

Aprovado: 15/06/2023